



## A poesia de Giovanni Giudici e Laura Accerboni traduzida para o português

**Mariangela Ragassi**

Università degli Studi di Perugia

Spello, Perugia, Itália

[mariangelaragassi@gmail.com](mailto:mariangelaragassi@gmail.com)

<https://orcid.org/0009-0000-7741-973X> 

### I. Introdução

Com o objetivo de promover a tradução e a difusão da poesia italiana nos países lusófonos, em 2024 aconteceu a primeira edição de *M'illumino d'immenso*, Prêmio Internacional de Tradução de Poesia do italiano para o português, promovido pelo Instituto Italiano de Cultura do Rio de Janeiro e pelo Laboratório Traduxit, com patrocínio de Biblioteche di Roma. De fato, embora essa tenha sido a primeira edição em língua portuguesa, o prêmio *M'illumino d'immenso* foi criado em 2018 por Barbara Bertoni (Itália), Vanni Bianconi (Suíça) e Fabio Morábito (México), graças ao suporte do Instituto Italiano de Cultura da Cidade do México. O grande número de participantes de língua espanhola impulsionou os organizadores a ampliarem o certame a tradutores de língua árabe e portuguesa, levando também à introdução de uma nova modalidade: a tradução para o italiano de poesias de autores de língua espanhola.

Nessa última edição, os poemas propostos aos concorrentes para a tradução em português foram “Gli abiti e i corpi” do poeta italiano Giovanni Giudici, publicado pela primeira vez em 1977 pela editora Mondadori na coletânea *Il male dei creditori* (Giudici, 1977), e “Cnidaria” da poetisa ítalo-suíça Laura Acceboni, incluído na obra *Il prima e il dopo dell'acqua*, publicada em 2024 pela editora Einaudi (Acceboni, 2024). Participaram do concurso 55 concorrentes de 4 países: Brasil, França, Itália e Portugal. O júri formado por Prisca Agustoni (Suíça), Barbara Bertoni (Itália), Pedro Eiras (Portugal) e Emanuel França de Brito (Brasil) declarou como vencedora desta edição a tradutora brasileira Mariangela Ragassi e concedeu também menções honrosas a Valentina Cantori e Adriana Marcolini.

A tradutora, Mariangela Ragassi, nasceu e cresceu no interior de São Paulo. Graduiu-se em Artes Plásticas pela Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), em 1998, e trabalhou como designer e professora. Em 1997, recebeu da editora Melhoramentos o prêmio Uma Professora Muito Maluquinha. Desde 2006 vive na Itália, onde é tradutora e graduou-se em Línguas e Culturas



Estrangeiras na Università degli Studi di Perugia (UNIPG). Como escritora, participou de publicações coletivas de contos e poesias, sendo a mais recente a antologia de contos *Antropocenas* (Purvin, 2024). Em 2004, foi premiada no Mapa Cultural Paulista com o conto “Lucicleide na Janela” e, em 2015, publicou o romance *Memorial das Flores* (Ragassi, 2015).

## 2. Sobre os autores e suas obras

Para a primeira edição do Prêmio Internacional de Tradução de Poesia do italiano para o português *M'illumino d'immenso*, os organizadores escolheram textos de dois escritores provenientes da mesma região da Itália, a Ligúria, embora pertencentes a gerações diferentes.

Giovanni Giudici foi um poeta e jornalista nascido no ano de 1924 em Portovenere, uma pequena cidade litorânea da província de La Spezia. Ele teve uma infância atribulada: tornou-se órfão de mãe aos três anos de idade e passou por privações econômicas que obrigaram seu pai a transferir-se com a família para Roma em busca de novas oportunidades. Em 1935, o pequeno Giovanni foi colocado em um internato, o Pontificio Collegio Pio X, onde residiu por dois anos, até a família ter condições financeiras para recebê-lo de volta. Para dar prosseguimento aos estudos, desde cedo dava aulas particulares, recebendo também o apoio de alguns professores. Não podendo comprar livros, tornou-se um assíduo frequentador da biblioteca municipal e conseguiu concluir o liceu em 1941, inscrevendo-se, sob influência do pai, na faculdade de medicina, que abandonou após o primeiro ano de estudos para ingressar na faculdade de letras. Durante a guerra, engajou-se em movimentos políticos antifascistas e socialistas e, após a libertação da Itália, ingressou no Departamento de Imprensa da Secretaria de Segurança Pública de Roma. Em 1946, publicou a primeira poesia e, em 1947, começou a trabalhar como tradutor e jornalista no Departamento Cultural da Embaixada Americana, onde permaneceu por seis anos, colaborando também com vários jornais e revistas. Em 1956, foi admitido no departamento publicitário de Olivetti em Ivrea, transferindo-se para a sede de Milão em 1958, onde permaneceu até 1979. Em 1965, a Editora Mondadori publicou a sua primeira coletânea de poesias, *La Vita in Versi* (Giudici, 1965), e até o ano de 1999, publicou outras onze coletâneas, constituindo um conjunto caracterizado pela busca de tornar compreensível o sublime, colhendo a poesia presente nos pequenos fatos da quotidianidade e utilizando a linguagem como um ato político, um modo de ocupar um espaço social no qual é possível a sobrevivência da palavra poética. O conjunto da sua obra o levou a ser reconhecido como um dos poetas do século XX de maior expressividade no cenário cultural italiano. De volta à sua terra natal, Giovanni Giudici morreu em 2011, aos 86 anos de idade.

Laura Accerboni é uma poetisa, tradutora e fotógrafa italiana nascida na cidade de Gênova em 1985. Aos 27 anos, transferiu-se para Lugano, na Suíça Italiana e, desde 2019, vive na cidade de Genebra. Graduiu-se em Letras Modernas na Universidade de Gênova e concluiu o curso de mestrado em Língua, Literatura e Civilização Italiana na Universidade da Suíça Italiana de Lugano. Em 2010, publicou a sua primeira coletânea de poesias, *Attorno a ciò che non è stato*, pela Edizioni del Leone (Accerboni, 2010), recebendo em 2011 o Prêmio Internacional de Poesia Piero Alinari. Em 2012, recebeu o Prêmio Achille Marazza Opera Prima e, em 2016, publicou sua segunda coletânea, *La parte dell'annegato*, pela Editora Nottetempo (Accerboni, 2016), e foi selecionada para o projeto Versopolis, promovido pela União Europeia. Em 2020 publicou *Acqua acqua fuoco* pela



Editora Einaudi (Accerboni, 2020) e classificou-se como finalista no Prêmio Nacional Elio Pagliarani. Em 2024, publicou a sua quarta coletânea de poesias, *Il prima e il dopo dell'acqua* também pela Editora Einaudi (Accerboni, 2024). Suas poesias, caracterizadas por um olhar cru e sarcástico sobre uma realidade permeada pelo mal e pelo horror presente na natureza e na história, foram publicadas em várias revistas italianas e internacionais e traduzidas em mais de dez línguas.

### 3. O processo de tradução

O processo de tradução iniciou quando percebi que as imagens suscitadas pelas poesias propostas capturavam a minha atenção e isso fez com que eu decidisse participar do concurso. Eram belas imagens e aquela beleza poderia ser uma chave de leitura. Na sequência, decidi enfrentar as palavras. Ao esmiuçar os elementos que compõem uma poesia sinto desconforto, como se estivesse operando para destruir, desmanchar, descaracterizar a composição, interrompendo a ação de um mecanismo que na sua integralidade é capaz de potencializar cada uma das partes de forma a torná-las irrepetíveis fora daquele contexto. Para mim, traduzir poesia é um grande desafio porque é muito mais que devolver numa outra língua um determinado conjunto de significados, é preciso medir com muito cuidado o peso e a força de absorção e refração das palavras para recriar interrelações que não roubem do texto a sua densidade. Na recomposição em língua portuguesa, procurei optar por combinações de elementos que pudessem me trazer de volta as mesmas imagens e sensações e, principalmente, o mesmo tom, o mesmo ritmo, o mesmo respiro, conservando o mais possível a estrutura original, numa tentativa de causar poucos danos às relações presentes no texto de partida.

Na composição de Accerboni, as palavras têm uma força enorme, principalmente quando aparecem isoladas e ocupam todo o verso, numa narrativa fragmentada pelo próprio corpo da poesia. Desde a primeira leitura de “Cnidaria”, senti-me transportada para debaixo d’água, num ambiente estranho onde as coisas se movem com leveza e tragicidade, graça e violência. O desencontro das palavras cadencia o ritmo dos movimentos, criando hiatos, espaços, silêncios, distâncias. Ao fazer esta tradução procurei me deixar levar para dentro desse ambiente sem combater o estranhamento que ele me causava, tentando reproduzi-lo em português. Diante da importância da estrutura desenhada para o poema, não senti que havia espaço para liberdade de interpretação ou reconstrução criativa no processo de tradução.

Para a tradução de “Gli abiti e i corpi”, procurei conhecer melhor o trabalho de Giovanni Giudice a fim de entender o contexto no qual o texto estava inserido quando foi publicado pela primeira vez, o que foi importante para a interpretação de algumas passagens, como o último verso do fragmento do poema proposto para tradução e que se refere também ao título da obra na qual o poema se insere: *Il male dei creditori*. Refleti bastante a respeito do que o autor estaria querendo dizer com a palavra “male”. Seria uma maldição ou uma doença? Para resolver esse impasse, considerei o fato de que é possível identificar na obra de Giudice um tom autobiográfico, o que coloca o autor como narrador de fatos de um cotidiano vivido por ele e lembrado através do olhar da criança que um dia ele foi e que espiava o próprio pai em seus movimentos nos quais se insinuava uma lenta decadência que o consumia como um mal que nasce de dentro, uma espécie de doença endógena, uma fraqueza humana que se alia ao tempo num processo de degradação progressiva do corpo e da alma em contraste com a integridade perene das coisas inanimadas, como



as roupas que envolvem o corpo nas várias fases da vida e permanecem como testemunhas – e às vezes relíquias – depois da morte.

Outro ponto interessante - e que ocupou a minha mente por alguns dias – foi a tradução da palavra *ringiocondiva*. Depois de tentar encontrá-la em dicionários e em citações impressas ou digitais e não encontrar nada além de referências ao próprio Giovanni Giudice, conclui que poderia ser mais um dos seus neologismos. Neste caso também foi útil conhecer um pouco sobre a obra e o fazer artístico do autor e saber que ele foi um hábil criador de neologismos como *sbinariato*, por exemplo, que significa literalmente *uscito dai binari* (saído dos trilhos). E então apareceram algumas questões como: o que o autor queria dizer com o termo *ringiocondiva*? No ato da tradução, é importante saber quais eram as “intenções” do autor ou o texto deve bastar por si só? Um texto literário deve ser tratado como um objeto independente do autor e do contexto em que foi criado? Na tradução, é possível existir “fidelidade” ao autor sendo que o tradutor não está isento das influências da sua própria visão sobre o contexto artístico, histórico, político e social do autor? É possível fazer uma tradução que acompanhe o envelhecimento do texto na sua essencialidade para além das suas particularidades lexicais e formais? Enfim, como eu deveria tratar aquele neologismo? Acabei optando pela paráfrase, talvez favorecendo a imagem suscitada pelo encontro das palavras em detrimento do estilo do autor, que em outras situações, como na utilização de enjambements, por exemplo, foi respeitado.

### 3. “Gli abiti e i corpi”, de Giovanni Giudice, e sua versão em português “Os trajes e os corpos”, traduzida por Mariangela Ragassi

#### Gli abiti e i corpi

Ormai sfibrate le asole e sapienti  
Rammendi qua e là – ma gli abiti  
Sembravano come nuovi. Egli  
Accurato ogni sera li deponeva  
Sopra una sedia – quali  
Che fossero l'umore o la stabilità  
L'uxorio brontolamento che lo affliggeva.

E deponeva con essi il tic-tac  
Che gli scandiva giorni e notti, l'orologio  
Da tasca con una croce  
Elvetica in campo rosso – emblema  
Di esattezza agganciato a una teca di cristallo  
Con dentro una trapunta di velluto  
In attesa di reliquie microscopiche.

Gli abiti duravano anni:

Il nero, il grigetto, un altro a spina di pesce.  
E ognuno col suo panciotto sul quale durante il giorno  
La catenella che pareva di diamanti  
Tra un'asola e l'orologio nel taschino si stendeva.  
Lui certe sere era greve di vino.

#### Os trajes e os corpos

Casas de botão já carcomidas e engenhosos  
Cezidos aqui e ali – mesmo assim os trajes  
Pareciam novos. Ele  
Cuidadoso, acomodava-os todas as noites  
Sobre uma cadeira – quaisquer  
Que fossem o humor ou a estabilidade,  
Os murmúrios uxórios que o afligiam.

E com eles acomodava também o tique-taque  
Que cadenciava seus dias e noites, o relógio  
De bolso com uma cruz  
Helvética em um campo vermelho - emblema  
De precisão acoplado a uma caixa de vidro  
Com um acolchoado de veludo por dentro  
À espera de relíquias microscópicas.

Os trajes duravam anos:

O preto, o cinzento, um outro com padrão chevron.  
E cada um com seu colete em que durante o dia  
A corrente que parecia feita de diamantes  
Entre uma casa de botão e o relógio no bolso, estendia-se.  
Ele, nalgumas noites, saturava-se de vinho.



Si spogliava nel sonno, puntava al mattino.

Ma si destava fresco come certe volte io  
Adesso forse più vecchio di quella sua età,  
Che lo sbirciavo ritrovare le sue spoglie:  
La giacca dignitosa, i pantaloni  
Dall'impeccabile piega. E perché  
Non dire del fregio rosa sulle mutande?  
Perché tacere il colletto inamidato?

Tutto così ringiocondiva a ogni  
Risveglio – sbarbato e tranquillo  
E di un colore chiaro se distese dal riposo  
Sbiadivano sulle guance le venuzze capillari.  
Quale decoro l'abito  
Rinnovato ogni giorno, restaurato  
Dal persistere della giovinezza!

Dico il nero, il grigetto, un altro a spina di pesce  
E un quarto credo ereditato da un parente  
Defunto: duravano anni.  
Io li spiavo mattina dopo mattina  
E lui spiavo impassibile a tutto:  
Al passare del tempo,  
Al male dei creditori.

*Giovanni Giudici (1977)*

Despia-se dormindo, adiaa tudo para a manhã.

Mas acordava fresco como, às vezes, eu  
Agora talvez com mais idade que aquela sua,  
Que o espreitava encontrando os seus despojos:  
O paletó distinto, as calças  
Impecavelmente vincadas. E por que  
Não falar do friso rosa no calção?  
Por que não mencionar o colarinho engomado?

Assim, tudo se revigorava ledamente a cada  
Despertar - barbeado e calmo  
E de cor clara quando relaxadas pelo repouso  
Esmaeciam nas bochechas as veias diminutas.  
Que decoro o traje  
Renovado todos os dias, restaurado  
Pela persistência da juventude!

Falo do preto, do cinzento, de um outro com padrão chevron  
E de um quarto, acredito, herdado de um parente  
Falecido: eles duravam anos.  
Eu espiava-os a cada manhã  
E ele, eu espiava-o impassível a tudo:  
À passagem do tempo,  
Ao mal dos credores.

*Giovanni Giudici em tradução de Mariangela Ragassi*

### 3. Fragmento de “Cnidaria”, de Laura Accerboni, e sua versão em português “Cnidaria”, traduzida por Mariangela Ragassi

#### Cnidaria (Frammento)

Spazi  
prima di tutto  
unici colori  
abitabili  
edificati  
in un quasi alto  
in una quasi  
direzione  
non interno  
spazi  
scivolano  
di millimetri  
enormi  
quanto non possono  
schiacciano

#### Cnidaria (Fragmento)

Espaços  
antes de tudo  
únicas cores  
habitáveis  
edificados  
num quase alto  
numa quase  
direção  
não interno  
espaços  
deslizam  
milímetros  
enormes  
quanto não podem  
esmagam



Rosso  
si riprende  
le correnti  
le mangia  
compatto  
appena sopra  
il bianco  
l'uscita ultima  
non d'emergenza  
piatto  
elabora  
parti insignificanti  
ne fa cumuli  
e poi  
spazi

Grigio  
Scorre  
sale lungo l'uscita  
una parete  
l'ha riempita  
appeso all'acqua  
al cemento  
un blocco calmo  
caldo  
grigio  
non lampeggia  
parla  
guide opache  
in direzione  
esterno  
parla

Giallo  
fiorisce  
per meno  
luce  
si dirama  
la mangia  
solo quanto basta  
sembra nero  
ripreso  
dall'acqua  
giallo  
ancora spegni  
dicendo

Nero  
Stendendosi  
tutto superficie  
piatto

Vermelho  
recolhe  
as correntes  
come-as  
compacto  
logo acima  
do branco  
a saída última  
não de emergência  
plano  
elabora  
partes insignificantes  
amontoa-as  
e depois  
espaços

Cinza  
Desliza  
sobe ao longo da saída  
uma parede  
encheu-a  
pendurado na água  
no cimento  
um bloco calmo  
quente  
cinza  
não pisca  
fala  
guias opacas  
em direção  
externo  
fala

Amarelo  
floresce  
por menos  
luz  
ramifica-se  
come-a  
só o necessário  
parece preto  
retirado  
da água  
amarelo  
ainda apaga  
dizendo

Preto  
Estendendo-se  
todo superfície  
plano



pellicola  
misurata in corpi  
scivolando  
in metri  
a partire  
dall'alto  
solo per noi  
angoli  
uscite  
in trasparenti  
strappi

Digerita  
una volta  
alla seconda  
è diventata  
roccia  
acqua pesantissima  
a fondo  
precipitata  
– masticata  
Tu  
diceva quello  
in alto  
– corallo  
Pensava  
Ancora  
corallo

Mille tentacoli  
e mille bocche  
un'immagine di quiete  
bagnate anche le  
ultime case  
– non vedi la distruzione? –  
Chiedo  
Non  
l'abisso risponde  
srotolandosi  
ma il pigmento  
rosso  
delle alghe  
Siamo  
tra una luce  
e l'altra  
la superficie  
e la sua rete

*Laura Accerboni (2024)*

película  
mensurada em corpos  
deslizando  
em metros  
a partir  
de cima  
só para nós  
ângulos  
saídas  
em transparentes  
rasgos

Digerida  
uma vez  
na segunda  
tornou-se  
rocha  
água pesadíssima  
no fundo  
precipitada  
– mastiga-a  
Tu  
dizia aquele  
em cima  
– coral  
pensava  
ainda  
coral

Mil tentáculos  
e mil bocas  
uma imagem de calma  
molhadas também as  
últimas casas  
– não vêes a destruição? –  
Pergunto  
Não  
o abismo responde  
desenrolando-se  
mas o pigmento  
vermelho  
das algas  
Somos  
entre uma luz  
e outra  
a superfície  
e a sua rede

*Laura Accerboni em tradução de Mariangela Ragassi*



## Referências

- Accerboni, L. (2010). *Attorno a ciò che non è stato*. Edizioni del Leone.
- Accerboni, L. (2016). *La parte dell'annegato*. Nottetempo.
- Accerboni, L. (2020). *Acqua acqua fuoco*. Einaudi.
- Accerboni, L. (2024). *Il prima e il dopo dell'acqua*. Einaudi.
- Giudici, G. (1965). *La Vita in Versi*. Mondadori.
- Giudici, G. (1977). *Il male dei creditori*. Mondadori.
- Ragassi, M. (2015). *Memorial das Flores*. Chiado.
- Ragassi, M. (2024). *O menino*. In G. Purvin (org.), *Antropocenas: contos vencedores do 4º Concurso Literário da Revista PUB Diálogos Interdisciplinares* (pp. 36-50). Terra Redonda.

## Notas

### Direito de primeira publicação

O poema “Os trajes e os corpos” foi publicado inicialmente pela Editora Einaudi no livro *Il male dei creditori*, de autoria de Giovanni Giudici, em 1977, sob o título “Gli abiti e i corpi”.

O fragmento do poema “Cnidaria” foi publicado inicialmente pela Editora Mondadori no livro *Il prima e il dopo dell'acqua*, de autoria de Laura Accerboni, em 2024, sob o título “Cnidaria”.

### Referência dos textos-fonte

Accerboni, L. (2024). *Il prima e il dopo dell'acqua*. Einaudi.

Giudici, G. (1977). *Il male dei creditori*. Mondadori.

### Autorização de tradução

A autorização para a publicação das traduções das poesias foi previamente concedida no momento em que foram aceitas as condições estabelecidas no Edital do Prêmio Internacional de Tradução de Poesia do italiano para o português *M'illumino d'immenso*, promovido pelo Instituto Italiano de Cultura do Rio de Janeiro e pelo Laboratorio Traduxit, com patrocínio de Biblioteche di Roma.

### Financiamento

Premiação em dinheiro recebida pela autora das traduções como vencedora do Prêmio Internacional de Tradução de Poesia do italiano para o português *M'illumino d'immenso*, promovido pelo Instituto Italiano de Cultura do Rio de Janeiro e pelo Laboratorio Traduxit, com patrocínio de Biblioteche di Roma.

### Conflito de interesses

Não se aplica.

### Licença de uso

Os autores e tradutores cedem à *Cadernos de Tradução* os direitos exclusivos de publicação da tradução em língua portuguesa, com o trabalho simultaneamente licenciado sob a [Licença Creative Commons Attribution](#) (CC BY) 4.0 International. Essa licença permite que terceiros remixem, adaptem e criem a partir do trabalho publicado, atribuindo o devido crédito de autoria e publicação inicial nesta revista. Os tradutores, em consenso com os autores, têm autorização para assumir contratos adicionais separadamente, para distribuição não exclusiva da versão do trabalho publicada neste periódico (por exemplo: publicar em repositório institucional, em website pessoal, em redes sociais acadêmicas, publicar uma tradução, ou, ainda, republicar o trabalho como um capítulo de livro), com reconhecimento de autoria da tradução e publicação em língua portuguesa nesta revista.

### Publisher

*Cadernos de Tradução* é uma publicação do Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução, da Universidade Federal de Santa Catarina. A revista *Cadernos de Tradução* é hospedada pelo [Portal de Periódicos UFSC](#). As ideias expressadas neste artigo são de responsabilidade de seus autores e tradutores, não representando, necessariamente, a opinião dos editores ou da universidade.



Cadernos de Tradução, 45, 2025, e106944  
Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução  
Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil. ISSN 2175-7968  
DOI <https://doi.org/10.5007/2175-7968.2025.e106944>



## **Editores de seção**

Andréia Guerini – Willian Moura

## **Revisão de normas técnicas**

Alice S. Rezende – Ingrid Bignardi – João G. P. Silveira – Kamila Oliveira

## **Histórico**

Recebido em: 12-05-2025

Aprovado em: 04-06-2025

Revisado em: 06-06-2025

Publicado em: 06-2025



Cadernos de Tradução, 45, 2025, e106944  
Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução  
Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil. ISSN 2175-7968  
DOI <https://doi.org/10.5007/2175-7968.2025.e106944>